



ESCOLAS CRIATIVAS: LETRAMENTO TRANSDISCIPLINAR E FORMAÇÃO DO EDUCADOR NO ÂMBITO DA REFORMA DO PENSAMENTO

MOREIRA, Hélien Fernandes ,UFT, helenfmoreira@ifto.edu.br

RESUMO: O objetivo deste artigo é mostrar a execução prática das teorias do Letramento no contexto transdisciplinar e a formação do educador embasada na Reforma do pensamento dentro das Escolas Criativas. Pretende-se demonstrar o caminho das escolas consideradas Criativas utilizando pungentemente das adversidades e revezes do sistema socioeducacional, revertendo-as em atitudes positivas, coletivas, transformadoras, ecológicas num pensar partícipe. O Letramento é a ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou indivíduo, como consequência de ter-se apropriado da escrita. No que diz respeito ao pensamento complexo, uma nova ótica das rotas alternativas restauradoras do sentido vem como proposta desse estudo fundamentando-se em um diálogo investigativo, sustentado nos novos paradigmas traçados pela necessidade de uma reforma do pensamento; tendo em vista a chamada Educação do Futuro (MORIN, 2003), pautada no ensino centrado na condição humana. Propomos aqui romper estruturas, bem como, alcançar uma visão unitária e comum do saber, considerando o ato de tecer e a complexidade das teias, na qual abarcam o conhecimento. Discutiremos, então, a viabilidade do Letramento escolar na perspectiva dos paradigmas emergentes.

Palavras-chave: Letramento; formação; criativa.

• IDEIAS PRELIMINARES

Diante das leituras feitas acerca das Escolas Criativas, concepções e parâmetros exigidos, conhecemos o Projeto RIEC (2012) que verifica se as escolas estudadas são ou não realmente criativas. Paralelamente às essas leituras, o ideal de Escola do Futuro do filósofo francês Morin comungam com a interdisciplinaridade e transdisciplinaridade emergente na quebra dos

paradigmas, rompendo a visão de unidade e totalidade do saber. Nasceu assim a ideia de estruturar esses alicerces com o alcance pedagógico no Letramento como caminho profícuo.

O pensamento de Morin é fundamentado em uma lógica epistemológica da complexidade de quantidades de unidades, das interações diversas, das indeterminações e dos fenômenos aleatórios que se chocam no que ele diz ser o caos. Entende-se esse caos como algo positivo, pois é transformador e inovador, à medida que a desordem (des) organiza a ordem do dia. Nas Escolas Criativas, o choque e o caos são valores saudáveis e proeminentes que engrenam a roda que movimentam a vida. O desenvolvimento da noção de sujeito, autonomia, constatação e reflexão planetária crescem na espiral do saber.

2. A EDUCAÇÃO E SUA EVOLUÇÃO

Embora a educação tenha evoluído nos últimos anos, estando mais preocupada com a realidade social, percebe-se que ainda hoje, em pleno século XXI, há uma educação distante da prática social dos alunos. Essa situação adversa aos princípios evolutivos, segundo Paulo Freire (1978, p. 67-8), é chamada de “educação bancária”, em que a educação é um ato de depositar, de transferir valores e conhecimentos sem uma conduta crítica, sem relevância sociocultural.

Quando Paulo Freire propôs o “método dialógico” para a educação (FREIRE & SCHOR, 1987, p. 121-133), opondo-o aos métodos passivos e silenciadores de transferência de conhecimentos, ele tinha em mente uma educação atrelada ao diálogo como uma exigência existencial. Para o referido autor (1978, p. 93), o diálogo “é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se ao ato de depositar ideias de um sujeito no outro”.

No que diz respeito ao Letramento, tal termo foi criado nos anos 80 instaurada no vocabulário de educação e ciências linguísticas. Diferentemente de *literacy*, cujo termo vem do latim e ganhou relevância na língua inglesa, retoma a ideia, não só de decodificação dos signos, e sim torná-la social. A alfabetização no Brasil, ainda, trata somente da habilidade do ato de ler e escrever, sem levar em conta os aspectos sociais, culturais, políticos, cognitivos,

linguísticos sociais, e até mesmo econômicos que se fazem necessários (SOARES, 2009).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1999) estabelecem que o ensino deva focar-se à realidade social dos alunos e, à luz desse postulado, a proposta deste estudo consiste em verificar o estudo do Letramento, do ponto de vista da interdisciplinaridade, sobretudo, considerando a necessidade de uma reforma do pensamento, como apontada pelo teórico Edgar Morin. Consoante ele, o currículo escolar é mínimo e fragmentado e, na maioria, das vezes, deixa a desejar tanto quantitativamente, quanto qualitativamente. Como força realizadora do potencial humano surgem as Escolas Criativas que reconhecem e difundem inovações em todos os aspectos, inclusive no Letramento. Essas intensificam o movimento de construção do alfabetizar sendo esse mais dinâmico e próximo da realidade do aluno, oportunizando um saber calcado na linha ecorformativa e coletivizadora.

3. IDENTIFICAÇÃO DA NATUREZA DA PESQUISA

Essa discussão, inserida na complexidade do paradigma emergente, assume postura indisciplinar, considerando a substituição de um pensamento “disjuntivo e redutor por um pensamento complexo, no sentido originário do termo *complexus*: o que é tecido junto” (MORIN, 2003, p. 89). Todavia, assumimos a noção de interdisciplinaridade como uma abordagem de pesquisa.

Confirma-se a premissa de Trindade (2008, p. 72) quando afirma que “a interdisciplinaridade apresenta-se como uma possibilidade de resgate do homem com a totalidade da vida”, dessa maneira, estudos nessa abordagem revelam-se promissoras “no desenvolvimento da ciência, em que o próprio conceito das ciências começa a ser revistos”.

Delimitamo-nos a uma abordagem qualitativa e de caráter bibliográfico. As pesquisas de investigação qualitativas direcionam-se: “não busca enumerar ou medir eventos e geralmente, não emprega instrumental estatístico para análise dos dados; seu foco de interesse é amplo e parte de uma perspectiva diferenciada da adotada dos métodos quantitativos.” (NEVES, 1996, p. 1).

Para realização deste estudo, como abordagem teórico-metodológica, utilizaremos no âmbito do Letramento, os trabalhos de Kleiman (2007) e Soares (2006, 2007, 2009); e Fazenda (1994, 2001) e Morin (2004, 2011, 2013) serão referências no campo da interdisciplinaridade. Assume-se no trabalho das Escolas Criativas os projetos organizados por Pinho e Suanno (2015).

4. A PERSPECTIVA SOCIAL DO LETRAMENTO

Apesar da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (1999) indicarem que o ensino vincula-se às práticas sociais, observa-se que muitos professores conduzem suas práticas no ensino tradicional e mecanicista. O ensino sistemático de língua materna tem sido de fato, uma atividade impositiva, já que antecedentes culturais e linguísticos dos educandos não são respeitados pelo professor (BORTONIRICARDO, 2005). A escola deveria prover novas possibilidades de experimentação que estão ausentes, nas situações mais tensas e competitivas, como as do local do trabalho.

Corroborar-se a assertiva: “a escola é uma agência de letramento por excelência, e deveria criar espaços para experimentar novas formas de participação nas práticas sociais e letradas, assim constituir múltiplos letramentos na vida social.” KLEIMAN (2007, p.4). Assumir o letramento como objetivo do ensino no contexto dos ciclos escolares implica em adotar uma concepção social da escrita, em contraste com uma concepção de cunho tradicional que considera a aprendizagem de leitura e produção textual, como a aprendizagem de competências e habilidades individuais. Por isso, a concepção de leitura e escrita forma um conjunto de competências e os estudos do letramento pesquisam as práticas discursivas, com múltiplas funções e inseparáveis do contexto em que se desenvolvem.

Na prática social envolve-se uma atividade coletiva com vários participantes que têm diferentes saberes e mobilizam (cooperativamente) segundo interesses, intenções e objetivos individuais e metas comuns. Na prática coletiva, o ato de soletrar, ler em voz alta, perguntar e responder, oralmente ou por escrito, fazer uma redação, fazer um ditado, analisar uma oração ou fazer

uma pesquisa, constituem em processos coletivos que podem ser utilizados pelo professor.

O professor pode e deve ser o mediador da relação: interação – leitor – texto – autor, estabelecida no meio acadêmico; segundo Pêcheux (1983) sendo este processo de constituição do sujeito-leitor. Ainda de acordo com Pêcheux, as informações imaginárias antecipam as representações do receptor por parte do emissor e sobre elas recaem um quadro com uma série de estratégias.

Entende-se o letramento, dentro de uma amplitude social, como mediador entre o signo linguístico e a capacidade crítico-reflexiva em compreender e apreender acerca do universo e a partir dele. O papel do letramento é substancial para que o leitor possa refletir, criticar e compreender o mundo exercendo o papel de cidadão a partir da leitura, porém, utilizando de seus saberes do mundo e das culturas locais. O mundo letrado é um mundo socioeconômico que empodera o homem e o torna humanitário, ecológico, globalizado, autônomo e coletivo.

5. MODELO AUTÔNOMO E O MODELO IDEOLÓGICO DE LETRAMENTO

O modelo autônomo focaliza os aspectos técnicos do letramento como independente do contexto social, uma variável autônoma cujas consequências para sociedade podem ser derivadas em seu caráter intrínseco. O texto é uma substância autônoma. Nesse modelo, a escola apodera-se de práticas de uso de escrita que são características à concepção de letramento dominante na sociedade. A leitura é percebida como um conjunto de habilidades linguísticas que vão desde a competência de decodificação de palavras até a capacidade de compreensão de textos escritos. A leitura é um processo de relacionar símbolos escritos a unidades de som, além de relacionar o processo de construção de uma interpretação de textos escritos.

Segundo Street (1993, p. 7), o modelo ideológico, diferentemente do modelo autônomo, estuda o letramento como prática social e seu relacionamento com outros aspectos da vida social, não o letramento em si mesmo. As práticas de letramento não estão unicamente relacionadas a aspectos culturais, mas também a aspectos de estruturas de poder. É importante salientar que este modelo não desconsidera as habilidades técnicas ou os

aspectos cognitivos do letramento. Por isso, o modelo ideológico abarca o modelo autônomo, pois une os aspectos culturais e cognitivos das práticas de letramento.

Um reforço tecnológico é a entrada das tecnologias digitais. Não delonga-se nesse assunto, mas é mister refletir o uso cauteloso sem causar dependência, nem para os educadores, nem para os alunos de tão grande reconhecido divisor de saberes. Morin (1986,p.192-193):

O conhecimento que o computador produz parece-nos liberto de toda a subjectividade. O computador não goza nem padece com o seu conhecimento. Nem o seu ser nem o seu conhecer têm disposição ou função egocêntrica, e a sua inteligência está a serviço não do seu ser, mas do logicial que lhe vem do exterior. É isso mesmo que estabelece o carácter instrumental e a dependência do computador; é isso que o submete as intenções, desejos, projectos, finalidades dos seres e grupos humanos que o criaram e o utilizam.

Defende Morin que “tudo se liga a tudo” e “aprender está no aprender”, fazendo jus ao conviver das Escolas Criativas que avançam para a educação do futuro em suas práticas. Aprimora-se o indivíduo, renova-se sempre, busca-se o sujeito planetário, a partir da auto-eco-organização.

6.CONCILIAÇÃO: LETRAMENTO E INTERDISCIPLINARIDADE

Considerando os conceitos utilizados na esfera dessa pesquisa - em que como apontam Hamilton e Barton (1985), o “letramento é equiparado a progresso e, via letramento, os benefícios crescem para as nações e indivíduos. Por conseguinte, os níveis de letramento numa sociedade são postulados como correlatos positivos de todo e qualquer outro indicador de progresso social e econômico” – propõe-se uma interconexão entre letramento e a interdisciplinaridade. Para tanto, inicialmente, teoriza-se e aponta-se a trajetória da segunda área referida, com a intenção de, a título de esclarecimento e aprofundamento científico, compreender a dinâmica desse campo teórico-metodológico e a possível relação com a primeira.

A interdisciplinaridade é preponderante no que concerne a sua capacidade de imprimir uma reflexão aprofundada, crítica sobre o funcionamento do cosmos, desenvolvendo a consolidação da autocrítica, inovando a pesquisa e aguçando criatividade. A interdisciplinaridade pressupõe

um comprometimento com a totalidade no que tange as questões de alfabetização e letramento: “Interdisciplinaridade é uma exigência natural e interna das ciências, no sentido de uma melhor compreensão da realidade que elas no fazem conhecer. Impõe-se tanto a formação do homem como as necessidades de ação, principalmente do educador” (FAZENDA, 1994, p. 91).

Nesse caminho dialógico entre essas áreas, letramento e interdisciplinaridade, é que buscamos a comunhão de um movimento aberto, em um pensamento holístico, em que nada tenha um final. A interdisciplinaridade desperta no indivíduo a busca incessante do aprendizado que o letramento proporciona. Cada final não é um término e sim um recomeço. Um ponto final é simplesmente uma vírgula.

7. LETRAMENTO NO ÂMBITO DA COMPLEXUS

Para Morin (1990, p.8) a palavra complexidade remete à problema e não a solução. Já o pensamento complexo é aquele que capaz de considerar todas as influências recebidas: internas e externas. Assim, depreende-se que ele não é linear, não é reducionista, mutilador e nem tampouco unidimensional. Eis o casamento da Escola Criativa, ampliação das fronteiras do saber, culminando num Letramento coeso que não se atenha às marcas ortográficas. Precisa-se derrubar a ideia do saber parcelado, acreditando na incompletude de todo e qualquer conhecimento. O fio condutor do pensamento complexo é, então: distinguir, mas não separar.

Corroborando com as ideias propostas por Fazenda (1994) acerca da interdisciplinaridade, comparamos com a trama de um tecido a ser fiado:

Interdisciplinaridade não é categoria de conhecimento, mas de ação. Seria, parodiando Platão em sua definição de arte política na sua teoria idealista do Estado, a *arte do tecido* que nunca deixa que se estabeleça o divórcio entre os diferentes elementos. Ação política assegurada contra a irrepreensível contingência do real (FAZENDA, 1994, p. 89).



Figura1: Tecido junto. <http://pt.dreamstime.com/fotos-de-stock-royalty-free-tiras-do-couro-tecido-image23174558>. Acesso: 28/06/2015

A figura retratada demonstra cada fio, que são os saberes, com suas especificidades, formando o tecido. Injuntivamente está o letramento, via interdisciplinaridade, fortificando a trama. O que para Morin (2011) é entendido como *complexus*, é aqui teorizado: elementos constitutivos (econômicos, políticos, sociológico, psicológico, mitológico e afetivo).

O letramento, aliado a interdisciplinaridade, deve em sua essência ser construído em sua totalidade, na busca permanente da melhoria da condição humana.

Se tudo está relacionado e faz parte de uma mesma trama, como pensar o indivíduo fora de seu contexto? Se existe uma teia em que tudo está relacionado, interconectado, o homem constitui um fio particular dessa teia, uma parte de toda trama, uma estrutura dissipadora em interação como seu meio ambiente, um sistema aberto que transforma tudo aquilo que recebe, que ordena e reordena, que tenta criar uma coerência e incorpora o novo. (MORAES, 2012, p. 177)

À luz da maiêutica, a progressão e o avanço na determinação do objeto de pesquisa é o caminho do aprofundamento dessas aberturas.

8. LETRAMENTO E OS POSSÍVEIS CAMINHOS DENTRO DA INTERDISCIPLINARIDADE

Entendemos a necessidade de reconstrução da visão política educacional para otimizar a postura do professor em relação ao conhecimento de si próprio e de como lecionar. Segundo Possenti (2004, p. 24), “ter uma concepção clara sobre os processos de aprendizagem pode ditar o comportamento diário do professor de língua em sala de aula”. Por isso, o domínio de uma língua é o resultado de práticas efetivas, significativas e contextualizadas.

Ressaltamos o princípio apontado por Vygotsky (1996) ao discutir os problemas do método, em que a análise psicológica deve incidir sobre os

processos nunca entendidos como objetos fixos e estáveis. Não existe nada eterno, fixo, absoluto. Tudo o que existe na vida humana e social está em permanente mudança, tudo é perecível. O professor deve contribuir para o desenvolvimento de uma “pedagogia sensível às diferenças sociolinguísticas e culturais dos alunos” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 130).

Este é o momento de substituir a ordem disciplinar por uma interdisciplinar. Rever a função docente que se faz indispensável na orfandia educacional, pois não se produz conhecimento sem práxis da pesquisa e nem pesquisa em ação. Vencer os buracos negros do conhecimento, tratar dos desafios da complexidade, superar a visão determinista, mecanicista, quantitativa e formalista, ainda são questões a serem extirpadas do âmbito socioeducacional.

9. ESCOLA CRIATIVAS EM CONSONÂNCIA COM A INTERDISCIPLINARIDADE

Neste tópico não pretende-se falar da origem ou historicidade das Escolas Criativas, mas sim do conceito de idealidade que mostra o caráter ontológico do termo em si, frente às adversidades enfrentadas pelos professores, gestores, corpo administrativo e alunos no dia a dia. Muitos são os dilemas que os mestres percorrem na jornada de ensinar e apreender com seus alunos. Por isso é que a criatividade e as ações estratégicas são as saídas que inovam e coroam com felicidade os problemas habituais e os que são específicos de cada locus.

O professor inserido no contexto da Escola Criativa transita do seu “tradicional” papel e adquire um novo e gratificante status, quando se coloca à disposição dos seus alunos e pares na condição de agente social. Segundo Torres (2009):

{..} agente social criativo se caracteriza pela complexidade, consciência de metas compartilhadas, liderança, transformadora e caráter ético. Sua gestão se destaca pelo conhecimento de suas forças e fraquezas, adaptação às condições do contexto, combinação da racionalidade e intuição, previsão de dificuldades de problemas, enfatizando o clima organizacional pela importância que tem no desenvolvimento da criatividade, tanto pessoal como no grupal e coletiva.

(TORRES 2009, p.55)

De conformidade com o autor citado e sustentado no princípio de felicidade de D’Ambrosio (1994) é que salienta-se a importância da interdisciplinaridade como um caminho salutar e eficaz na conquista da

potencialidade criativa do aluno. Essa potencialidade cresce no empreendedorismo, nos níveis de evolução de convivência, na capacidade inventiva e sobretudo na cooperação mútua e no desvelamento das ciências. Nas obras de Morin, percebe-se o quão fundamental a noção de globalidade o planeta passa.

Uma das diretrizes das Escolas Criativas é o princípio da coletividade. Percebe-se a coletividade na amplitude do espaço da sala de aula ou da escola e de seus muros. Assemelha-se a solidariedade quando propõe-se um pensar coletivo na decisão de construir um futuro melhor, de tomar decisões que promoverão a paz e a liberdade de expressão, que promulgarão a diversidade religiosa, sexual e, sobretudo pautada em princípios éticos. Assim, confirma-se que

As Escolas Criativas são aquelas que vão além do lugar de onde partem, oferecem mais do que têm e ultrapassam o que delas se espera, reconhecem o melhor de cada um e crescem por dentro e por fora, buscando o bem-estar individual, social e planetário. São, portanto, escolas que ajudam a ser (TORRE, 2009, apud ZWIREWICZ, p.56).

Sob essa ótica humanizadora e com o perfil condizente da metamorfose que pode e deve alterar o curso da nova era da educação é que se trilha o caminho interdisciplinar inicialmente, quando os conteúdos ou assuntos de interesse comum são colocados sutilmente num mesmo patamar, sem aquela ‘antiga’ aula ou conteúdo alocado numa só disciplina.

10. LIBERDADE E ESTÍMULO NAS ESCOLAS CRIATIVAS

Um ponto forte das Escolas Criativas é a vazão dada aos alunos e professores em sua totalidade, na busca incessante de valores morais e éticos, mas preservando o saber individual e local sem o medo, valorando a formação unitária e ao mesmo tempo coletiva. Nas Escolas Criativas esse sentimento é transmutado por um outro de teor significativo: INVESTIGAR. A partilha de ideias e de projetos passa a ser organizada e planejada desde sua elaboração preliminar até a expectativa dos objetivos. Há de se ressaltar que a comunidade escolar, quando bem entrosada, envolve-se no projeto, de forma que esse passa a ser como o fio condutor daquela energia, desde os funcionários da limpeza, merenda, coordenadores, e, principalmente os alunos e professores. Todos os

atores sociais, sejam eles humanos ou não, são agentes transformadores da sociedade. Infere-se que nesse momento a escola faz seu papel ao dar voz ao torpe e ao incluir os excluídos, quando promove a universalidade e entende a diversidade.

Esse holomovimento constitui uma energia sinérgica que utiliza não somente os materiais palpáveis e concretos, como os livros didáticos (alguns como única ferramenta), mas sim, e principalmente, os objetos que compõe o cotidiano daquele grupo. Assim trabalham as Escolas Criativas com as adversidades de materiais, por exemplo, usando de criatividade e estímulo, buscando alternativas inteligentes, que facilitem a compreensão e adquiram através dos recursos disponíveis, a cognição para formar conhecimento. Nas palavras de Morin: “É o amor que introduz a profissão pedagógica, a verdadeira missão do educador” (2011, p.71).

11. A IMAGINAÇÃO NAS ESCOLAS CRIATIVAS

A ação polinizadora é certamente perceptível nas escolas consideradas CRIATIVAS. Essa polinização ocorre na tomada de consciência para a melhoria planetária e na decorrência dos projetos em curso, frutos de um PPI (Projeto Político Pedagógico) bem elaborado e sistematizado. Eis o porquê deste documento ser tão precioso e tão fundamental na estrutura basilar da escola. Nesse processo construtivo, mesmo obedecendo às leis hierárquicas federais, estaduais e municipais, o grupo de pessoas envolvidas traz à tona o capital cultural, fruto de suas relações sociais, acadêmicas, todavia, podendo inferir com as nuances locais, adequando e adaptando-o, segundo suas necessidades.

Entende-se a escola como o local ideal, e:

A imaginação é uma das capacidades mentais superiores que revela o alto potencial cognitivo do ser humano a capacidade de ir além da internalização e reprodução da realidade por meio da memória [...]A imaginação permite a atividade criadora [...] na elaboração de algo novo, mas que guarda profundas semelhanças com o já visto e vivido. Articulado e imaginação é importante que a atividade criadora seja superadora [...](SILVA e SUANNO, p.50-51).

A criatividade não pode ser vazia de conteúdo, precisa ser alimentada assim como o corpo e a alma na sua espiritualidade. Para alguns autores, como Saturnino de La Torre (2005), ela é um bem social, que precisa ser

contextualizada e problematizada, e sua abordagem social implica em mudanças no modo de **ser e viver** e relacionar-se conscientemente.

12. FORMAÇÃO DO EDUCADOR: PRECEITOS FUNDAMENTAIS

À luz da visão de Luckesi, e segundo o Relatório da Unesco, deve-se trilhar os seguintes objetivos: **aprender a ser, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser; novamente**. Hermeneuticamente, faz-se aqui o caminho inverso da leitura das etapas acima propostas, lendo as expressões como sendo as duas primeiras no campo cognitiva e prática e as duas últimas no campo ético e social. Exprime-se o entendimento intrínseco do indivíduo no conceito pessoal e, posteriormente, sua profusão fecunda no campo coletivo.

A postura do educador moderno se atrelada no caminho do pensamento complexo comungando ideais das Escolas Criativas. Almeja-se por esse documento de 1998, delinear a realização das etapas da formação do educador e, a partir dela, suscitar, a consolidação da Escola Ideal. Aprender a ser é buscar incessantemente de forma harmônica o modo de se conhecer epistemologicamente a si próprio.

Para Luckesi (2002) formar o educador é criar e oferecer condições para que o educando se faça educador.” Nessa preocupação de educar para disseminar e fertilizar o saber questiona-se as condições e teorias que recebeu-se aos longo da História. Desde Aristóteles aos dias atuais as categorizações filosóficas, científicas e culturais são marcas que estão arraigadas em no nosso seio e não podem ser desprezadas. Tanto traz as benesses de uma era quanto os revezes que acentuam os mais acirrados crimes contra a própria humanidade.

13. PROJETOS DE SUCESSO DAS ESCOLAS CRIATIVAS

Diante não só os aspectos metodológicos que embasam osprocedimentos e a análise desta pesquisa, mas também o lócus da investigação é que verificamos a possibilidade de Letramento na escola estudada como objeto de estudo. Ademais, expusemos os aportes

teóricos que fundamentam o estudo, a fim de compreender o corpus da investigação. A investigação teve como campo de pesquisa a Escola Municipal de Tempo Integral Daniel Batista, situada na Quadra 508 Norte, da cidade de Palmas, Tocantins.

Essa instituição iniciou no ano de 1981 sua trajetória educativa na Comunidade do Canela, povoado localizado a 10 Km de Palmas, às margens do Rio Tocantins, a qual pertencia ao Distrito de Porto Nacional (antigo Norte de Goiás). A princípio, o nome da escola era Escola Nossa Senhora do Perpétuo do Socorro (ESCOLA MUNICIPAL DE TEMPO INTEGRAL DANIEL BATISTA, 2013). O questionário VADECRIE é um instrumento de coleta de dados que permite a análise qualitativa das respostas para o melhor diagnóstico dos resultados, ou seja, dos indícios de criatividade na formação continuada dos professores (SUANNO, J., 2013) dentro dos parâmetros da Reforma do Pensamento, instaurada por Edgar Morin. Esse instrumento foi elaborado pelo professor Saturnino de la Torre com a parceria de pesquisadores da América Latina e da Europa. Foi apresentado no IV Fórum Internacional sobre Inovação e Criatividade e Escolas Criativas, realizado em Barcelona/Espanha, em junho de 2012. Nesse mesmo evento foi assinada a Ata de Criação da Rede Internacional de Escolas Criativas (SUANNO, J., 2013). Alguns dos projetos que culminaram como ditos de sucesso nas Escolas Criativas às quais pôde-se ter acesso pelo cunho documental, denotam não somente o bem social e interior, mas acima de tudo o coletivo que abarca a noção cosmogênica. Na escola estudada, vimos os projetos de capoeira, grupo de teatro, culinária, jornais escolares, incentivo à poupança e comercialização da moeda, elevação da autoestima pela diversidade cultural racial, declamação de poesia e gosto à literatura, musicalidade, coral, dança folclórica e regional, inicialização à cartografia e urbanismo, habilidades manuais, empreendedorismo e gestão de negócios, acessibilidade à línguas estrangeiras, práticas de civilidade, preservação ambiental, reciclagem, plantio de mudas, revitalização de hortas, dentre outros: todos relacionados ao Letramento Escolar, que é o fruto desse trabalho. A inserção de pequenos trechos de leitura, dentro da perspectiva de leitura e escrita nas produções de texto dos alunos e na escolha temática pelos projetos pedagógicos que fizeram com que fosse exitosa o trabalho feito.

Os professores, que entenderam e modificaram-se cognitivamente, já sentem nos próprios textos a necessidade de um olhar holístico no trato indivíduo-natureza-sociedade, através da tomada de consciência permanente, bem como os alunos que

compreendem melhor o mundo em que estão inseridos. Muito há de se fazer e a esperança que move essa certeza é que serve como leme no norte do curso que leva o barco que guia esse sentimento. Engaja-se desse sentimento e entra no barco com a determinação de cumprir o papel de um reles marinheiro, sem contudo desmerecer a pequena- grande contribuição que nos é imputada.

14. REFERÊNCIAS

BORTONI-RICARDO, Maria Stella. **Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguística e educação**. São Paulo: Parábola, 2005.

BRASIL. Ministério de Educação. **Parâmetro dos currículos nacionais (PCN)**. Brasília, DF, 1999

DANIEL, H. (org). (1994) **Vygotsky em foco: pressupostos e desdobramentos**. Campinas: Papirus.

D'AMBROSIO, U. (1986) **Da realidade à ação: reflexões sobre Educação Matemática**. Campinas, Papirus.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: História, Teoria e Pesquisa**. 11. ed. Campinas, SP: Papirus, p.14, 1994.

FREIRE, P. **Conscientização**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

KLEIMAN, A.B. **Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna**. Signo, v.32, p.1-25, 2007.

MORIN, Edgar. **Educação e Complexidade: Os Sete Saberes e outros ensaios**. 5ª Edição. São Paulo, Cortez Editora, 2003.

_____. **Saberes Globais e saberes locais: o olhar interdisciplinar**. Rio de Janeiro, Editora Garamond, 2004.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeane Sawaya. 2ª Edição Revisada. São Paulo, Editora Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011.

NEVES, J. L. **Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades**. Cadernos de Pesquisas em Administração, v. 1, n.3, 2º sem., 1996.

PINHO, MARIA JOSÉ de. **Projetos criativos na prática pedagógica: cantar e encantar a aprendizagem**. - Maria José de Pinho, Marilza Vanessa Rosa Suanno, João Henrique Suanno (orgs.). - Goiânia:/Editora Espaço Acadêmico, 2015.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

STREET, B. V. Tradução BAGNO, Marcos. **Letramentos Sociais Abordagens Críticas do Letramento no Desenvolvimento, na Etnografia e na Educação**. 1ª Edição, São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

TORRE, Saturnino de la – **Dialogando com a Criatividade – da identificação à criatividade paradoxal**. São Paulo: Madras, 2005.

TRINDADE, Diamantino Fernandes. **Interdisciplinaridade: um novo olhar sobre as ciências**. IN: FAZENDA, Ivani (org.). **O que é Interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008.

SILVA, C. C.; SUANNO, M. V. R. **Resiliência, adversidade criadora e educação**. In: SUANNO, M. V. R.; DITTRICH, M. G.; MAURA, M. A. P. (orgs.) . **Resiliência Criatividade e Inovação: potencialidades transdisciplinares na educação**. Goiânia: UEG/Ed. América, 2013.p.43-57.

_____, J. H. **Escola Criativa e Práticas Pedagógicas Transdisciplinares e Ecoformadoras**. 2013. 297 f. Tese de Doutorado em Educação. Universidade Católica de Brasília (UCB), Brasília, 2013.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da Aprendizagem na Escola e a Questão das Representações Sociais**. São Paulo: Eccos revista científica, 2002.